

PIGNATARI, Décio. **Bili com limão verde na mão**. São Paulo: Cosac&Naif, 2008.

Profa. Dra. Maria José Palo  
Programa de Pós-Graduação  
Literatura e Crítica Literária -PUCSP

### ONDE TERMINA A HISTÓRIA E ONDE COMEÇA O LIVRO ?

Fala-se de um discurso feito ver.

Vê-se a libertação da palavra da lógica espacial.

Na modernidade da experiência sensorial do mundo visual - tecnológico, a tatilidade passou a modelar o nosso olhar, fazendo sua herança da visão. O discurso de origem desse mundo sensorial háptico passa a cumprir a função de deixar à mostra “os olhos do texto” e, por meio deles, revelar o seu movimento invisível em crescente implicação crítica. Existe, pois, uma modalidade de plástica para a visão, o som, o paladar e o corpo. A experiência da aparência sensível e da sensibilidade, em cada uma dessas modalidades, é atualizada silenciosamente pelo sujeito por meio da percepção que esboça o mundo e que, ao mesmo tempo, depende da sua posição e movimento. Em particular, no campo de presenças visuais, a percepção se organiza em torno de um sujeito operador e de um objeto num campo que se abre para três modalidades de espaços: o espaço interior ou imaginário; o espaço exterior ao sujeito; o espaço do corpo.

Este esquema de veículos perceptivos da experiência sensível confere ao sentido uma ancoragem, por guardar em si espaços tensivos de intensidade e extensão na origem do processo do discurso: “A aparência sensível do sensível, a persuasão silenciosa do sensível, é o único meio para o Ser se manifestar sem reduzir-se à positividade, sem deixar de ser ambíguo e transcendente”. (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 267)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard, 1964.

Nesses espaços abertos e dependentes entre si, o ritmo existencial do visível ganha um jogo entre resistências e forças que, em torno de um sujeito operador e de um objeto, busca modalização. É neste pólo da expressão da subjetividade que tem início o processo enunciativo perceptivo feito de categorias entendidas como formas intencionais intermediárias de um discurso do ver, sob uma tensão figurativa do sensível. Diversas formas de tensão participam desse processo enunciativo-perceptivo, enquanto confronto com forças dispersivas e coesivas.

Elevado do plano do termo expressivo às características figurais de um corpo plástico, o livro **Bili com limão verde na mão** (2008), do autor-poeta Décio Pignatari e do ilustrador Daniel Bueno, se nos dá a ver e ser tocado, ouvido, visto e lido nesses três espaços interdependentes do campo perceptivo. Em cada um deles, no interior, no exterior e no corporal, um modo de existência se esboça, quando o ato perceptivo torna-se um modo de existência particular. Essa rítmica do ler é inerente à percepção do movimento, à luz da exemplaridade transgressora do poema “Un coup de Dês”, de Mallarmé; neste, ressalta-se o tecido da materialidade das quantidades tipográficas dispersas no espaço do papel, nas dobraduras, tanto da palavra quebrada em morfemas, fonemas, lexemas e vocemas, quanto dos tropismos internos que, entre silêncios, procuram novos modos de ganhar um equilíbrio espacial.

Em **BILI**, entre os três espaços em formatação plástica, a palavra-verso que narra também não depende mais de uma lógica espacial, salvo daquela lógica bidimensional-suporte da página, por assumir as formas da organização tátil-visual nas quais as palavras, no livro-objeto, passam a habitar.

No espetáculo do pós-moderno, sabe-se que a valorização da arte figurativa tem a capacidade de atribuir uma natureza hipotética de elaboração de conjuntos rítmicos facilmente apreensíveis pelas estruturas cognitivas. Percebê-las, portanto, é conhecê-las: a imagem tátil será tão eficaz (ver) quanto a visual (ler) e a sonora (ouvir); todas dão sentido à forma e ao espaço na intensidade do ato perceptivo. “Só se vê aquilo para que

---

se olha” (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 19)<sup>2</sup>. Sua representação, em curvas energéticas produzidas por movimentos sensoriais interativos e tensivos nos conjuntos moventes, passa a depender do sujeito que percebe sua posição e seu estar atento no mundo, como um corpo operante e atual, “um entrançado de visão e movimento”.

O movimento do corpo em torno do objeto torna-o vidente e visível, eis o enigma: “ele, que mira todas as coisas, pode também olhar-se. Ele vê-se vendo, toca-se tocando, é visível e é sensível para si mesmo”. (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 20 -21). Pode-se inferir dessa citação que a visão se faz do meio das coisas, e que a utilidade do corpo, entre a consciência e o mundo, mantém as coisas à sua volta, são um seu anexo ou prolongamento, definem-no, transferindo ao mundo o mesmo estofo de que é feito. O mundo do visível é parte do mesmo Ser. Aí o visível se põe a ver.

Assim vê-se o livro **Bili Beliza Bela Bili**, que se põe a ver e ouvir, sendo visível por um vidente que passa a habitar o universo espacializado do livro-objeto minimalista: a linha é o dominante na letra, na figuração, ora fundo, ora figura, na pauta musical em diálogo com as cores, as formas, as vozes, nos desdobramentos do movimento das esferas, do orgânico para o inorgânico: “**Sem fim**, saia da minha cabeça; **Laranja**, saia do meu pé”.

Na unidade perceptiva diversificada – cor, forma, linha, caracteres gráficos, movimentos transversais, vocemas - faz-se um jogo de resistência ao poético fabular da tradição em estranhos e aleatórios conjuntos imaginários, um dentro de todos ou/ todos dentro de um – “a borboleta **Risoleta**, a andorinha, o corvo, burro brinco, coelho, **urubu**”. Histórias capsulares que surpreendem o olho que lê e ouve depois que vê. Do lúdico movimento de dobrar – redobrar – renovar, poemas abrem as asas em círculo para o discurso perceptivo enunciador, gerando fenômenos paralelos entre percepção e ação circular. Imbricam-se nele histórias e poemas relâmpagos, como que procurando seu fim no sem-fim do espaço interativo, sem comando, virtualmente, rompendo ritmos reveladores de um mostrar cênico em campo de percepção visual.

---

<sup>2</sup> **O Olho e o espírito**. 2 ed. Trad. de Luís Manuel Bernardo. Lisboa: Gallimard/Vega, 1997.

Na fábula poética da menina **BILI**, o eixo de combinação se multiplica, se move, se redobra, permuta seus sujeitos, pondo em uso ordenadores qualitativos com pertinências lógicas cambiantes, em abertura semântica infinita: “**pé verde-ouro/ cinza pardo/ coco mole/ andorinha laranja/ corvo verde/ borboleta dura/sem fim vermelho/ e menina com limão preto**”, dentre outras mais. O eixo de seleção se diversifica, multiplica-se em associações analógicas que escapam ao conteúdo; apenas duram na percepção da plasticidade que toca o sujeito, entre a superfície-página e o corpo daquele que a ela se funde espacialmente: o leitor enunciador.

A tatilidade ilustrativa do livro aberto dá as regras ao jogo movente da palavra em formação sonoro-gráfico-visual e, ao separar os objetos do sujeito, torna-os estéticos e plásticos ao novo mo/ver de átomos em divisão contínua, já descontínua antes do ler: “Podem marip**oazar/** lá vamos nós!”; “Bili bateu a cabeça num mourão de cerca: **nada/tudo**”.

No ritmo aberto e liberto a probabilidades, ainda a repetição da fala popular faz ressoar a narrativa em movência de **Bili com limão verde na mão**, no passado das formas simples imantadas entre o fundo e a figura, sincopadamente, unidos em refrão: “É comigo mesmo, minha **gente pingente**”.

Na consecução de outra história de **Bilicacunda**, o imprevisto marca a tensão entre o ouvir/ver/ler, permutando/adicionando funções temporais ao espaço movente do limão **verde/** preto/ **laranja/** - emergências frasais levam Bili à primeira vez, à primeira voz, à primeira cor, à primeira fala, à primeira estrela, ao primeiro desejo de um narrar longínquo que não volta mais:” Fiapos de nuvens **rosa** no **azul** sem fim da tarde”; - “Leva eu!”, conclama o poeta.

Ações anônimas delegadas à menina do *País das Letras*, Bili, se engajam à narrativa em enunciados abertos à percepção tátil e visual, ensinando a leitura entre a abertura da fala/voz e corpo, pela espacialidade do olhar tátil: **Bili/Belisa/Bela Bili/ Bili Bélica**; é agora a Bili concreta entre dimensões quadriláteras (quarta dimensão) acopladas ludicamente à página final que, continuamente, se re/inicia: **Bili Biônica/Bili Biotônica/Bili à beça**.

O trabalho do ilustrador Daniel Bueno opera por analogia à *proesia* do livro, por meio de uma composição plástica de quem, antes, tateou, viu, depois, leu, e, pela

percepção técnico-visual enunciou sua narrativa na movência de um corpo visível, feito de material poético. Em páginas dobraduras entre verticais e horizontais coloridas deixadas sob os olhos atentos e as mãos móveis de um novo leitor, o sujeito ilustrador é, também, seu recriador pelo imaginário. É seu o texto ilustrador.

Leitura do ver e do ler de **Bili com limão verde na mão**, que liberta a palavra do estatuto da língua e a leva nas asas do avião ao espaço que contorna o corpo do leitor: sem tempo, plástico, sem controle, **ACASO**, no interior e exterior de um único ato em origem perceptiva. **BILI** apenas abre um espaço em busca da interativa rede de categorias de percepções, de evidências hápticas, visuais, sonoras, olfativas, corporais dadas pelo ritmo da criação, num espaço sem fim, sua fonte de linguagem e fuga para a alteridade: “A borboleta recriada (**b de Bili**) em campo perceptivo descontínuo se pôs a brincar, batendo as asas como se fossem folhas azuis de um livro ou palmas”. Sem começo e sem final. Ou um final que sempre recomeça. Ato perceptivo de ver e ler mais atento: A frase palavra/verso funde o eu, a visão e a visagem num único todo: “Se vocês me levarem junto, eu carrego **todos** para sempre. E veremos juntos seu reinício: “O futuro nos pertence. Agora se lia, (modificado): “**O FU RO NOS PE NCE**”

Tudo é espaço ao redor: **A primeira estrela**: O livro no espaço, junto ao autor, ao ilustrador, ao leitor em ato perceptivo espacial, corpos que traduzem e redobram a **leitura do acaso**, sem começo e sem final, pontuada pela luz da primeira estrela, no ato do renascimento da poesia, assim como iniciei esta resenha, sem final e começo. Ao acaso, entrega-se a leitura de **BILI**, entre folhos e folhas do livro, no agora a mostrar-se ao leitor. Leitura que se nega a responder a pergunta: Onde termina o livro **Bili com limão verde na mão**, onde começa a história?

Um enigma da criação do seu autor. (Décio Pignatari);

Um livro aberto em palmas ou folhas em cores entreabertas para o seu ilustrador recriador (Daniel Bueno);

Uma história no sem-fim da poesia: “olhos do texto” em leitura do presente e do futuro. Um convite do poeta à leitura do futuro: “**Podem maripoazar. Lá vamos nós!**”

